

**Automedicação: realidade entre estudantes de Medicina?  
Resultados da avaliação em uma instituição do Distrito Federal**

Self-medication: reality among medical students? Results  
of the evaluation at an institution in the Federal District

Sabrina de Araújo Sabino<sup>1</sup>

ORCID: 0009-0000-9159-0699

Fernanda Rubartelly Cardoso de Souza<sup>1</sup>

ORCID: 0009-0006-7329-3459

Gerson da Silva Carvalho<sup>2</sup>

ORCID: 0000-0002-8809-7825

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Medicina. Escola Superior de Ciências da Saúde, Discente do Programa de Pós-graduação em Enfermagem. Brasília, DF, Brasil.

<sup>2</sup> Médico. Graduado em Medicina pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Especialista em Genética Médica e membro efetivo da Sociedade Brasileira de Genética Médica. Mestre em Ciências Médicas pelo Programa de Pós-Graduação em Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS). Brasília, DF, Brasil.

**Autor correspondente:** Sabrina de Araújo Sabino - Unidade I - SMHN Quadra 03, conjunto A, Bloco 1 - Edifício FEPECS. Email: [sabrina-sabino@escs.edu.br](mailto:sabrina-sabino@escs.edu.br). Contato: (61) 99811-7531

## RESUMO

**Objetivo:** avaliar o comportamento dos estudantes de Medicina em relação à automedicação em uma instituição de ensino pública de saúde do Distrito Federal. **Métodos:** trata-se de um estudo descritivo transversal quantitativo, realizado através da aplicação de um questionário estruturado aos discentes do curso de Medicina da instituição em estudo. Os dados foram analisados por estatística descritiva e os resultados expressos com intervalos de confiança de 95%. **Resultados:** participaram do estudo 209 alunos, dos quais 88,5% referiram praticar automedicação. A análise por série do curso indicou uma incidência de 93,9%, 90,3%, 75,6%, 92,1% e 90,9%, respectivamente, entre os alunos do 1º ao 4º ano e internato. Os medicamentos mais utilizados foram analgésicos e antitérmicos (83,4%). Entre os que declararam realizar automedicação, 93,0% afirmaram que pretendem continuar com a prática. **Conclusão:** a incidência da automedicação entre os estudantes de Medicina analisados é elevada e necessita de intervenção, sobretudo das instituições educacionais.

**Palavras-Chaves:** Automedicação; Educação Médica; Estudantes de Medicina; Incidência.

## ABSTRACT

**Objective:** to evaluate the behavior of medical students in relation to self-medication in a public health education institution in the Federal District. **Methods:** this is a quantitative cross-sectional descriptive study, carried out through the application of a structured questionnaire to medical students at the institution under study. The data were analyzed by descriptive statistics and the results were expressed with 95% confidence intervals. **Results:** 209 students participated in the study, of which 88.5% reported practicing self-medication. The analysis by grade of the course indicated an incidence of 93.9%, 90.3%, 75.6%, 92.1% and 90.9%, respectively, among students from the 1st to the 4th year and internship. The most commonly used medications were analgesics and antipyretics (83.4%). Among those who reported self-medication, 93.0% stated that they intend to continue with the practice. **Conclusion:** the incidence of self-medication among the medical students analyzed is high and requires intervention, especially from educational institutions.

**Keywords:** Self-medication; Medical Education; Medical Students; Incidence.

## INTRODUÇÃO

Conforme a Portaria nº 3.916, de 30 de outubro de 1998, a qual aprovou a Política Nacional de Medicamentos, a automedicação consiste no uso de medicamentos sem prescrição, orientação e/ou supervisão do médico ou dentista<sup>1</sup>. Essa prática é um fenômeno mundial com um expressivo número de adeptos no Brasil.

Visando minorar as implicações sociais, econômicas e individuais deste cenário problemático, em 2013, foi estabelecida, no Brasil, a Portaria nº 834 pelo Ministério da Saúde, que redefiniu o Comitê Nacional para a Promoção do Uso Racional de Medicamentos<sup>2</sup>. No entanto, apesar da existência de tal política, ainda são evidenciados grandes impasses no que diz respeito ao uso racional de medicamentos.

De acordo com a Pesquisa de Automedicação realizada pelo Instituto de Pesquisa e Pós-Graduação para o Mercado Farmacêutico (ICTQ), 89% dos brasileiros se automedicavam em 2022, sendo este um aumento expressivo em relação a 2014 (76%), quando as informações começaram a ser coletadas<sup>3</sup>.

Entre as possíveis causas, podem ser citadas a dificuldade em conseguir atendimento médico, a experiência anterior com o medicamento, a influência dos meios de comunicação, a recomendação por farmacêutico ou balonista e o acesso inadequado à informação, que leva à população a acreditar que toda doença exige tratamento farmacológico<sup>4-5</sup>.

No que tange à automedicação entre acadêmicos, esta tem sido temática de estudo em diversos países da América, Europa e da Ásia, com foco principalmente entre discentes da área da saúde<sup>6-7</sup>. No tocante aos estudantes de medicina, um padrão comportamental é idealizado: em função do maior entendimento sobre os riscos do uso indevido de medicamentos e da consciência terapêutica por parte desses discentes, era de se esperar que essa prática fosse pouco frequente. Todavia, estudos sugerem que a autoconfiança dos discentes desse curso, reforçada pelos conhecimentos teórico-práticos adquiridos durante a graduação, favorecem a alta frequência de automedicação entre esses indivíduos<sup>8-10</sup>.

Nesse contexto, levando-se em consideração os prejuízos à saúde relacionados à automedicação, tais como o mascaramento e agravamento de uma doença, as reações de hipersensibilidade, a interação medicamentosa e a resistência à ação dos fármacos<sup>4,10</sup>,

que ampliam os gastos do sistema público de saúde, é imprescindível que se tenha um panorama dessa problemática entre os estudantes de Medicina.

Sendo assim, pesquisas sobre o perfil da automedicação constituem um instrumento relevante para o direcionamento das atividades educativas em instituições de graduação em Medicina, considerando-se que o graduando, como futuro médico, atuará como formador de opinião e orientador da população. Nesse sentido, o objetivo do presente estudo é avaliar o comportamento dos estudantes de Medicina em relação à automedicação em uma instituição de ensino pública de saúde do Distrito Federal.

## MÉTODOS

Trata-se de um estudo observacional descritivo transversal, com abordagem quantitativa, desenvolvido em uma instituição de ensino pública de saúde do Distrito Federal. Foram recrutados para a pesquisa os estudantes do curso de graduação em Medicina da 1<sup>a</sup> a 6<sup>a</sup> série, no período de fevereiro a maio de 2024. Adotaram-se os seguintes critérios de inclusão: estar matriculado regularmente na graduação de Medicina da instituição em estudo no ano de 2024, aceitar participar voluntariamente e concordar com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Foram excluídos da pesquisa os discentes com trancamento da matrícula. Ao todo, participaram do estudo 209 estudantes.

Para a coleta das informações, utilizou-se um questionário estruturado e previamente validado entre alunos da mesma instituição, com dados demográficos e acadêmicos (sexo, idade e ano do curso de Medicina), além de 13 questões de múltipla escolha sobre a prática da automedicação no decorrer da graduação, adaptadas de uma pesquisa preexistente realizada por Servidoni et al. (2006)<sup>11</sup> em pacientes otorrinolaringológicos do Instituto Penido Burnier a partir de um formulário elaborado pelo corpo clínico do referido instituto. Essas questões tinham como objetivo identificar algumas características relacionadas ao consumo de medicamentos, como o uso de medicações sem receita médica, aconselhamento com farmacêuticos ou terceiros, emprego de receitas antigas, uso de classes medicamentosas específicas e motivações, hábito de ler a bula, recomendação de medicamentos informalmente para outras pessoas, consciência dos riscos associados à automedicação e intenção de continuar com tal prática.

Os participantes responderam às perguntas propostas considerando um período recordatório de seis meses. A automedicação abordada na pesquisa se refere ao uso de qualquer grupo de fármacos sem prescrição, orientação e/ou supervisão do médico.

O questionário foi disponibilizado de forma virtual por meio da plataforma Google Forms®, sendo compartilhado via *link* em grupos no WhatsApp® de integração entre os discentes da respectiva instituição ou direcionado ao *e-mail* dos participantes. Os estudantes foram orientados a preencher o questionário apenas uma vez.

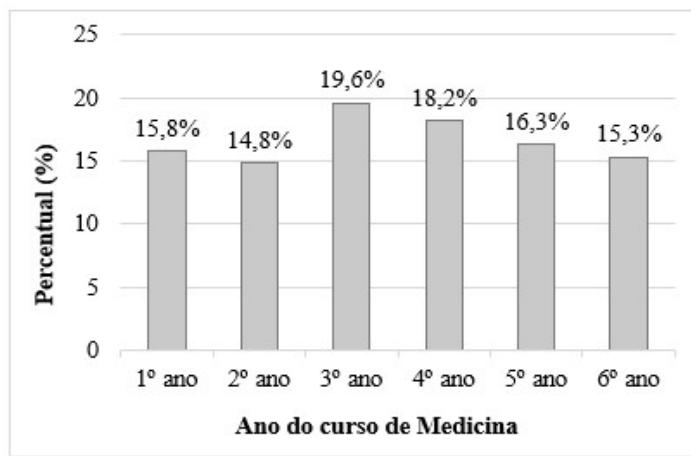
Os dados coletados foram analisados por meio de estatística descritiva, mediante médias, frequências absolutas e relativas, com recursos da plataforma Google Forms® e do Microsoft Excel®, a fim de elaborar tabelas, gráficos e planilhas para melhor sistematização das informações de interesse. Os resultados foram expressos com intervalos de confiança de 95%.

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Fundação de Ensino e Pesquisa em Ciências da Saúde (CEP/FEPECS) sob o parecer nº 6.580.960, respeitando-se os preceitos éticos conforme disposto na Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS) nº 466, de 12 de dezembro de 2012<sup>12</sup>.

## RESULTADOS

Participaram do estudo 209 alunos, com predomínio do sexo masculino (51,7%). A faixa etária variou dos 17 aos 55 anos de idade, com uma média amostral de 24,24 anos. Entre os estudantes participantes, 33 pertenciam ao 1º ano, 31 ao 2º ano, 41 ao 3º ano, 38 ao 4º ano, 34 ao 5º ano e 32 ao 6º ano. O Gráfico 1 apresenta a distribuição percentual dos discentes integrantes da pesquisa, de acordo com o ano do curso de Medicina que estavam matriculados.

**Gráfico 1 – Distribuição percentual dos discentes participantes da pesquisa, de acordo com o ano do curso de Medicina. Brasília-DF, Brasil, 2024.**



Verificou-se que 88,5% (IC95%: 84,2 – 92,8) dos participantes usaram ou compraram medicamentos sem prescrição e orientação médica, considerando um período recordatório de seis meses.

Destaca-se que, entre os estudantes do 1º, 2º e 4º anos, a maior parte deles afirmou praticar a automedicação, de modo que não foram alcançadas as condições para se obter uma distribuição normal das proporções amostrais.

No caso do 1º ano, 93,9% dos alunos participantes relataram praticar automedicação. Entre os estudantes do 2º ano, 90,3% afirmaram que se automedicam. Em relação aos alunos do 3º ano, 75,6% (IC95%: 62,5 - 88,7) informaram se automedicar. Entre os alunos do 4º ano, 92,1% relataram praticar automedicação, enquanto que, entre os discentes do internato (5º e 6º anos), essa prática ocorreu em 90,9% (IC95%: 84,0 – 97,8) dos casos (Tabela 1).

**Tabela 1** – Incidência da automedicação entre os acadêmicos de Medicina, de acordo com o ano do curso. Brasília-DF, Brasil, 2024.

Ano/Série	Incidência da automedicação (%)
1º ano	93,9
2º ano	90,3
3º ano	75,6
4º ano	92,1
Internato (5º e 6º anos)	90,9

A Tabela 2 evidencia as classes de fármacos mais utilizadas pelos discentes do curso de Medicina na prática da automedicação. Identificou-se que as medicações mais consumidas foram os analgésicos e antitérmicos (83,4%), seguidos pelos anti-inflamatórios (71,9%), antialérgicos/anti-histamínicos (52,3%) e vitaminas e suplementos (31,2%).

**Tabela 2** – Classes de fármacos mais utilizadas pelos discentes de Medicina na prática da automedicação. Brasília-DF, Brasil, 2024.

Classe farmacológica	Frequência (%)	Intervalo de confiança (95%)
Analgésicos e antitérmicos	83,4	78,2 - 88,6
Anti-inflamatórios	71,9	65,7 - 78,1
Xaropes para tosse	17,6	12,3 - 22,9
Antiasmáticos	4	1,3 - 6,7
Antibióticos	12,1	7,6 - 16,6
Corticoides	19,1	13,6 - 24,6
Descongestionantes nasais	26,6	20,5 - 32,7
Antialérgicos/anti-histamínicos	52,3	45,4 - 59,2
Gotas otológicas (para ouvidos)	2	0,1 - 3,9
Remédios para resfriados/gripes	29,1	22,8 - 35,4
Antiácidos	23,6	17,7 - 29,5
Laxantes	4	1,3 - 6,7
Vermífugos	10,6	6,3 - 14,9
Antidepressivos	7	3,5 - 10,5
Ansiolíticos	6	2,7 - 9,3
Relaxantes musculares	29,1	22,8 - 35,4
Vitaminas e suplementos	31,2	24,8 - 37,6
Outros	10,6	6,3 - 14,9

Quanto aos motivos ou doenças que alunos acreditavam possuir para justificar a automedicação, observou-se a dor (81,0%) em primeiro lugar, seguida pelo resfriado/gripe (52,5%), alergias (44,5%) e febre (44,0%) (Tabela 3).

**Tabela 3** – Sintomatologia referida pelos alunos de Medicina para justificar a automedicação. Brasília-DF, Brasil, 2024.

Motivo/doença	Frequência (%)	Intervalo de confiança (95%)
Dor	81	75,6 - 86,4
Febre	44	37,1 - 50,9
Resfriado/gripe	52,5	45,6 - 59,4
Infecções/ inflamações de garganta (faringite, amigdalite, laringite)	32	25,5 - 38,5
Infecções/ inflamações de ouvido (otites)	2	0,1 - 3,9
Sinusite	14	9,2 - 18,8
Rinite	26,5	20,4 - 32,6
Alergias	44,5	37,6 - 51,4
Lesões orais	2	0,1 - 3,9
Lesões de pele	9,5	5,4 - 13,6
Ansiedade	10,5	6,3 - 14,7
Refluxo/azia/indigestão	25	19,0 - 31,0
Doenças pulmonares	3,5	1,0 - 6,0
Insônia	9	5,0 - 13,0
Outros	14	9,2 - 18,8

No que tange à busca por conselhos para a aquisição de medicamentos, 23,0% (IC95%: 17,3 – 28,7) dos alunos inclusos na pesquisa recorreram a orientações de farmacêuticos ou balconistas, sendo que 23,9% (IC95%: 18,1 – 29,7) do total de

estudantes receberam conselhos não solicitados na farmácia. Além disso, em 46,4% (IC95%: 39,6 – 53,2) dos casos, buscou-se aconselhamento com terceiros (vizinho, amigo, parente ou outros) para a compra de medicações, dos quais 60,8% (IC95%: 51,1 - 70,5) afirmaram que seguem orientações de parentes, 28,9% (IC95%: 19,9 - 37,9) de amigos e 9,3% (IC95%: 3,5 - 15,1) de outras pessoas. Nenhum estudante referiu receber conselhos de vizinhos.

De modo geral, 39,2% (IC95%: 32,6 – 45,8) dos participantes assinalaram que já se basearam em receitas antigas para adquirir medicamentos. Nessas situações, 91,5% (IC95%: 85,5 - 97,5) das prescrições antigas pertenciam ao próprio estudante, enquanto que 8,5% (IC95%: 2,5 - 14,5) eram direcionadas a outra pessoa.

Do total de estudantes que relatou praticar automedicação, 65,9% (IC95%: 59,1 – 72,7) afirmaram seguir as instruções da bula dos medicamentos, enquanto que 33,0% (IC95%: 26,2 – 39,8) indicaram não seguir a bula.

Quando questionados se já recomendaram medicações em uso para terceiros, 64,6% (IC95%: 58,1 – 71,1) dos acadêmicos participantes responderam que sim.

Apesar de o estudo ter demonstrado altas taxas de consumo de medicamentos sem prescrição e orientação médica, considerando a amostra global, 83,3% (IC95%: 78,2 – 88,4) dos discentes relataram ter consciência dos riscos relacionados a tal prática e 16,7% (IC95%: 11,6 – 21,8) informaram ter consciência parcial. Nenhum estudante assinalou não ter conhecimento a respeito dos riscos.

Ademais, entre aqueles que declararam realizar automedicação, 93,0% (IC95%: 89,3 – 99,7) apontaram que pretendem continuar com a prática.

## DISCUSSÃO

O presente estudo revelou que a automedicação é uma prática frequente entre os estudantes de Medicina da instituição pesquisada, com incidência de 88,5%. Esse dado está em consonância com os resultados de outras pesquisas realizadas no Brasil e em outros países, que apontam para taxas de automedicação que variam entre 70% e 90% entre os estudantes de Medicina<sup>8-9,13</sup>.

A análise específica por ano do curso evidenciou que a prática de automedicação é elevada em todas as séries, sendo um pouco menor apenas entre os estudantes do terceiro ano. Em proximidade ao fato, Bernardes et al. (2020)<sup>14</sup> também observaram uma alta incidência de automedicação entre discentes de Medicina de uma universidade pública em Jataí-GO, sem diferenças expressivas entre os ciclos básico, clínico e internato.

A incidência elevada da automedicação nos anos iniciais pode estar relacionada à falta de experiência clínica dos alunos, à busca por soluções rápidas e práticas para os sintomas e à influência de colegas e familiares que se automedicam<sup>4,15-16</sup>.

Por sua vez, no que tange às séries finais do curso, a saber, 5º e 6º anos, diversos fatores podem contribuir para essa prática, tais como o aumento da carga horária laboral, expectativas crescentes com o fim iminente da graduação, estresse associado às responsabilidades acadêmicas e pessoais, maior facilidade de acesso a medicamentos sem prescrição e autoconfiança desenvolvida ao longo da formação em razão das experiências e conhecimentos adquiridos gradualmente<sup>9,17</sup>.

Os resultados evidenciaram que as classes de fármacos mais utilizadas pelos estudantes incluíram analgésicos, antitérmicos, anti-inflamatórios e antialérgicos, corroborando achados de pesquisas anteriores<sup>9,18-19</sup>. Estes medicamentos são frequentemente usados para tratar sintomas comuns e de fácil identificação. Neste estudo, os motivos para o uso de tais fármacos incluíam a dor, o resfriado/gripe, as alergias e a febre. Esses resultados estão em concordância com outros estudos que também identificaram esses sintomas como os mais frequentes a levarem à automedicação<sup>7,18</sup>.

Destaca-se que o uso indiscriminado de tais fármacos pode mascarar sintomas que são sugestivos de doenças mais graves, atrasar o diagnóstico adequado, ocasionar efeitos colaterais graves, bem como interações medicamentosas prejudiciais<sup>4,15</sup>, aumentando os riscos para a saúde dos estudantes. Além disso, a automedicação também pode contribuir para o desenvolvimento de resistência microbiana, um problema de saúde pública crescente e preocupante<sup>20</sup>.

Observou-se que os estudantes de Medicina buscaram conselhos para a automedicação em diversas fontes, incluindo farmacêuticos e balconistas, terceiros (amigos, parentes) e receitas antigas, o que também se mostra presente nos estudos de

Nascimento et al. (2019)<sup>21</sup> e Pismel et al. (2021)<sup>18</sup>. Além de evidenciar a influência social na prática da automedicação, esses dados demonstram a necessidade de fortalecer a educação em saúde dos graduandos em Medicina, com foco no uso racional de medicamentos e na busca por orientação médica adequada, tendo em vista que tal prática é, em alguma medida, incentivada pela fácil acessibilidade e pela confiança nas recomendações de pessoas próximas.

Convém mencionar também que o aconselhamento de estudantes com farmacêuticos reflete um padrão comportamental observado na população brasileira em geral. No Brasil, as farmácias constituem os estabelecimentos de saúde mais acessíveis à população e, consequentemente, a automedicação e a indicação terapêutica são práticas comuns nessas unidades, mesmo quando se trata de doenças que necessitam de avaliação clínica e laboratorial para o seu diagnóstico<sup>22</sup>. Nesse contexto, o farmacêutico torna-se uma peça primordial para o uso racional de medicamentos, desde que reconheça sua competência e seus limites na intervenção no processo saúde-doença, promovendo uma ação correta no momento adequado, avaliando a condição do indivíduo e, se necessário, encaminhando ao médico em casos específicos<sup>23</sup>.

A incidência do uso de receitas antigas para adquirir medicamentos também foi elevada, com 39,2% dos participantes relatando esse comportamento. Este dado é alarmante, pois o uso de prescrições antigas pode levar a tratamentos desnecessários e inadequados<sup>24-25</sup>, assim como ao consumo de medicamentos fora do prazo de validade ou em doses inappropriadas, aumentando o risco de efeitos adversos<sup>16</sup>. Ressalta-se que, apesar de considerável, a frequência do uso de receitas antigas por discentes de Medicina encontrada nesta pesquisa foi inferior a observada no estudo realizado por Tognoli et al. (2019)<sup>26</sup>, em que 53,40% dos participantes recorreram a prescrições médicas anteriores para se automedicar.

Os resultados também demonstraram que muitos estudantes não seguem as instruções contidas na bula dos medicamentos, um comportamento com múltiplos aspectos negativos. Segundo Neto et al. (2011)<sup>27</sup>, a falta de adesão às instruções da bula está frequentemente associada à falta de conhecimento sobre os medicamentos e à percepção de que as instruções são desnecessárias ou excessivamente rigorosas. Esse comportamento é preocupante, pois pode levar ao uso inadequado de medicações, ineficácia no tratamento, aumento dos casos de reações adversas e desenvolvimento de resistência a certos medicamentos<sup>16</sup>.

Quando questionados a respeito da indicação de medicamentos para terceiros, 64,6% dos acadêmicos participantes da pesquisa responderam que são adeptos dessa prática. Este comportamento pode ter várias implicações negativas, tanto para os terceiros, que recebem tais recomendações, quanto para os próprios estudantes que, ao agirem dessa maneira, podem negligenciar a complexidade envolvida na prescrição segura de medicamentos. Estudos anteriores indicam que essa prática pode estar associada à confiança excessiva no próprio conhecimento farmacológico adquirido durante o curso, combinada com a pressão social e familiar para fornecer ajuda<sup>15,28</sup>.

Um estudo conduzido por Al-Hussaini e Mustafa (2014)<sup>29</sup> mostrou ainda que a recomendação de medicamentos é comum entre estudantes de Medicina. Entretanto, frequentemente esses estudantes não consideram as possíveis interações medicamentosas e os efeitos adversos ao recomendar medicamentos para outras pessoas. Discentes, por mais bem preparados que sejam, ainda estão em formação e, portanto, podem não ter o conhecimento necessário para avaliar adequadamente as condições de saúde de outra pessoa, os possíveis efeitos colaterais dos medicamentos prescritos, bem como as interações medicamentosas, por vezes muito perigosas.

Isto posto, apesar de 83,3% dos discentes relatarem ter consciência dos riscos da automedicação, 93,0% daqueles que se automedicam pretendem continuar com a prática. Tal contradição pode ser explicada pela crença na própria capacidade de diagnosticar e tratar doenças, pela dificuldade em acessar serviços de saúde e pela influência da cultura da automedicação presente na sociedade<sup>8-9</sup>.

Como limitações deste trabalho, é importante considerar que o estudo utilizou como instrumento de pesquisa um questionário, o que o expõe ao risco de vieses relacionados ao seu preenchimento. Ademais, ressalta-se que a pesquisa, além de depender da adesão voluntária dos estudantes, restringiu-se a alunos de uma única instituição de ensino. Apesar disso, os dados obtidos correspondem a um dos poucos estudos disponíveis sobre automedicação entre discentes de Medicina do Distrito Federal, fornecendo resultados relevantes para a temática em nível local e nacional.

## **CONCLUSÃO**

A incidência da automedicação entre acadêmicos de Medicina da instituição de ensino pública de saúde do Distrito Federal é elevada e se assemelha aos índices observados no país, com frequência significativa em todas as séries do curso. Essa prática é preocupante e se opõe à formação consciente que se espera de um graduando em Medicina, visto que tais estudantes, como futuros profissionais da área da saúde, deveriam assumir o papel ético e social de promover o uso racional e seguro dos medicamentos na sociedade, atuando como agentes educativos e não coniventes com a automedicação, considerando os seus riscos à saúde individual e coletiva.

Portanto, essa problemática necessita de intervenções das instituições educacionais responsáveis pela formação médica, como a implementação efetiva de programas educativos e pesquisas que alertem cientificamente o meio acadêmico sobre os riscos da automedicação, a integração de discussões sobre o uso racional de medicamentos ao longo do currículo, o desenvolvimento de protocolos para o acesso a cuidados de saúde pelos estudantes e a oferta de suporte psicológico para lidar com o estresse acadêmico.

Aos estudantes de Medicina, enfatiza-se a importância da busca ativa por orientação médica e psicológica diante de problemas de saúde, da participação em atividades educativas sobre o tema e da reflexão constante sobre o seu papel como futuros promotores da saúde.

Ademais, destaca-se que a conscientização dos graduandos em Medicina sobre o seu compromisso ético com o uso racional de medicamentos é fundamental para a formação de profissionais mais responsáveis e comprometidos com a segurança do paciente.

## REFERÊNCIAS

1. Brasil. Ministério da Saúde. Portaria no 3.916, de 30 de outubro de 1998. Aprova a Política Nacional de Medicamentos [Internet]. Diário Oficial da União. 1998 nov 10 [acesso em 2024 jul 13]. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/1998/prt3916\\_30\\_10\\_1998.html](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/1998/prt3916_30_10_1998.html)
2. Brasil. Ministério da Saúde. Portaria nº 834, de 14 de maio de 2013. Redefine o Comitê Nacional para a Promoção do Uso Racional de Medicamentos no âmbito do Ministério da Saúde [Internet]. Diário Oficial da União. 2013 maio 15 [acesso em 2024 jul 15]. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt0834\\_14\\_05\\_2013.html](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt0834_14_05_2013.html)
3. Leonardi E. Aproximadamente 90% dos brasileiros realizam automedicação, atesta ICTQ [Internet]. 2022 maio 5 [acesso em 2024 jul 15]. Disponível em: <https://ictq.com.br/farmacia-clinica/3202-aproximadamente-90-dos-brasileiros-realiza-automedicacao-atesta-ictq>
4. Ferreira FCG, Luna GG, Izel ICM, Almeida ACG. O impacto da prática da automedicação no Brasil: Revisão Sistemática. Brazilian Applied Science Review [Internet]. 2021 [acesso em 2024 jul 15];5(3):1505–18. Disponível em: <https://doi.org/10.34115/basrv5n3-016>
5. Naves JOS, Castro LLC, Carvalho CMS, Merchán-Hamann E. Automedicação: uma abordagem qualitativa de suas motivações. Cien Saude Colet [Internet]. 2010 jun [acesso em 2024 jul 15];15(1):1751–62. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232010000700087>
6. Lima JMS, Júnior CGS, Cunha SMRAS, Lima MIS, Nunes EM. A prática da automedicação por universitários. Research, Society and Development [Internet]. 2021 [acesso em 2024 jul 15];10(8):e47610817594. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i8.17594>
7. Martínez-Rojas SM, Ruiz-Roa SL, Sánchez-Pérez DG, Jiménez-Castellanos MN. Panorama da automedicação em estudantes do ensino superior: uma visão global. Revista Ciência e Cuidado [Internet]. 2022 [acesso em 2024 jul 15];19(2):99–

111. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1373533>
8. Moraes LGM, Bernardina LSD, Andriato LC, Dalvi LR, Loyola YCS. Automedicação em acadêmicos de Medicina. Rev Soc Bras Clin Med [Internet]. 2018 [acesso em 2024 jul 15];16(3):167–70. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1047947>
9. Santos TM, Zattar TA, Alencar BT, Aleixo MLM, Costa BMS, Lemos LMS. Automedicação entre estudantes de enfermagem e medicina no Brasil: revisão integrativa. Research, Society and Development [Internet]. 2022 fev 5 [acesso em 2024 jul 15];11(2):e54111213760. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i2.13760>
10. Silva RCG, Oliveira TM, Casimiro TS, Vieira KAM, Tardivo MT, Junior MF, et al. Automedicação em acadêmicos do curso de medicina. Medicina (Ribeirão Preto) [Internet]. 2012 [acesso em 2024 jul 15];45(1):5–11. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-7262.v45i1p5-11>
11. Servidoni AB, Coelho L, Navarro ML, Ávila FG, Mezzalira R. Perfil da automedicação nos pacientes otorrinolaringológicos. Revista Brasileira de Otorrinolaringologia [Internet]. 2006 fev [acesso em 2023 jun 7];72(1):83–8. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-72992006000100013>
12. Brasil. Conselho Nacional de Saúde. Resolução no 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos [Internet]. Diário Oficial da União. 2013 jun 13 [acesso em 2024 jul 13]. Disponível em: <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/acesso-a-informacao/legislacao/resolucoes/2012/resolucao-no-466.pdf/view>
13. Querino JJ, Rocha CE. Perfil da automedicação entre universitários dos cursos da saúde no nordeste brasileiro. Revista Contexto & Saúde [Internet]. 2023 [acesso em 2024 jul 21];23(47):e13151. Disponível em: <https://doi.org/10.21527/2176-7114.2023.47.13151>

14. Bernardes HC, Costa FF, Wanderley JCS, Farias JP, Liberato LS. Perfil epidemiológico de automedicação entre acadêmicos de medicina de uma universidade pública brasileira. *Brazilian Journal of Health Review* [Internet]. 2020 [acesso em 2024 set 14];3(4):8631–43. Disponível em: <https://doi.org/10.34119/bjhrv3n4-111>
15. Silva MGC, Soares MCF, Muccillo-Baisch AL. Self-medication in university students from the city of Rio Grande, Brazil. *BMC Public Health* [Internet]. 2012 [cited 2024 jul 23];12(339). Disponível em: <https://bmcpublichealth.biomedcentral.com/articles/10.1186/1471-2458-12-339#citeas>
16. James H, Handu SS, Khaja KAJ Al, Otoom S, Sequeira RP. Evaluation of the knowledge, attitude and practice of self-medication among first-year medical students. *Med Princ Pract* [Internet]. 2006 [cited 2024 jul 21];15(4):270–5. Disponível em: <https://doi.org/10.1159/000092989>
17. Luna IS, Dominato AAGD, Ferrari F, Costa AL da, Pires AC, Ximenes GS. Consumo de psicofármacos entre alunos de medicina do primeiro e sexto ano de uma universidade do estado de São Paulo. *Colloquium Vitae* [Internet]. 2018 [acesso em 2024 set 15];10(1):22–8. Disponível em: <https://journal.unoeste.br/index.php/cv/article/view/2167>
18. Pismel LS, Montalvão WCR, Silva AR, Oliveira NP, Argentino S. Avaliação da automedicação entre estudantes de medicina de uma universidade pública do sudeste do Pará. *Brazilian Journal of Health Review* [Internet]. 2021 [acesso em 2024 set 14];4(2):5034–50. Disponível em: <https://doi.org/10.34119/bjhrv4n2-082>
19. Medeiros IM, Araújo BR, Gomez LFB. A automedicação em estudantes de medicina: uma revisão sistemática. *Scientia Naturalis* [Internet]. 2022 [acesso em 2024 set 19];4(2):685–95. Disponível em: <https://doi.org/10.29327/269504.4.2-20>

20. Galato D, Madalena J, Pereira GB. Automedicação em estudantes universitários: a influência da área de formação. *Cien Saude Colet* [Internet]. 2012 [acesso em 2024 jul 21];17(12):3323–30. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012001200017>
21. Nascimento CS, Araújo KMM, Gusmão DBM, Souza PM, Júnior JAS. Avaliação da automedicação entre estudantes de medicina de uma instituição de ensino de Alagoas. *Rev Med* [Internet]. 2019 [acesso em 2024 set 14];98(6):367–73. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistadc/article/view/155146/157731>
22. Arrais PSD, FernandesI MEP, PizzolII TSD, RamosIII LR, Mengue SS, Luiza VL, et al. Prevalência da automedicação no Brasil e fatores associados. *Rev Saude Publica* [Internet]. 2016 [acesso em 2024 jul 21];50(2). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1518-8787.2016050006117>
23. Marinho RA, Cardoso GP, Ferreira WAF. Vantagens e desvantagens da automedicação: princípios gerais. *Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research* [Internet]. 2018 [acesso em 2024 ago 10];23(2):105–10. Disponível em: [https://www.mastereditora.com.br/periodico/20180704\\_093125.pdf](https://www.mastereditora.com.br/periodico/20180704_093125.pdf)
24. Hughes CM, McElnay JC, Fleming GF. Benefits and risks of self medication. *Drug Saf* [Internet]. 2001 [cited 2024 jul 21];24(14):1027–37. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/11735659/>
25. Vitor RS, Lopes CP, Menezes HS, Kerkhoff CE. Padrão de consumo de medicamentos sem prescrição médica na cidade de Porto Alegre, RS. *Cien Saude Colet* [Internet]. 2008 [acesso em 2024 jul 19];13:737–43. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232008000700024>
26. Tognoli TA, Tavares VO, Ramos APD, Batigalia F, Godoy JMP, Ramos RR. Automedicação entre acadêmicos de medicina de Fernandópolis – São Paulo. *Journal of Health and Biological Sciences* [Internet]. 2019 [acesso em 2024 set 14];7(4):382–6. Disponível em: <https://doi.org/10.12662/2317-3076jhbs.v7i4.2571.p382-386.2019>

27. Neto JAC, Sirimarco MT, Delgado AAA, Lima WG, Gavioli AN, Almeida MEM. Consumo crônico de medicamentos pela população de Juiz de Fora/MG. Revista Médica de Minas Gerais [Internet]. 2011 [acesso em 2024 jul 19];21(4). Disponível em: <https://rmmg.org/artigo/detalhes/145>
28. Klemenc-Ketis Z, Hladnik Z, Kersnik J. Self-medication among healthcare and non-healthcare students at University of Ljubljana, Slovenia. Med Princ Pract [Internet]. 2010 [cited 2024 jul 22];19(5):395–401. Disponível em: <https://doi.org/10.1159/000316380>
29. Al-Hussaini M, Mustafa S, Ali S. Self-medication among undergraduate medical students in Kuwait with reference to the role of the pharmacist. J Res Pharm Prac [Internet]. 2014 [cited 2024 jul 22];3(1):23–7. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/24991632/>